

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**NOS 25 ANOS DA AIP**  
**A CINEMATECA COM A ASSOCIAÇÃO DE IMAGEM PORTUGUESA**  
**15 de setembro de 2023**

**VARIAÇÕES / 2019**

*Um filme de João Maia*

*Realização e Argumento: João Maia / Música: António Variações / Produção: Fernando Vendrell, Luís Alvarães / Direção de Fotografia: André Szankowski / Produção Musical: Armando Teixeira / Direção de Som: Tiago Raposo / Montagem: Pedro Ribeiro / Misturas: Branko Neskov / Decoração: Sara Lança / Figuração: Patrícia Doria / Caracterização: Magali Santana / Assistência de Realização: Miguel Raposo / Direção de Produção: Teresa Amaral / Interpretações: Sérgio Praia (António Variações), Filipe Duarte (Fernando Ataíde), Victoria Guerra (Rosa Maria), Augusto Madeira (Luís Vitta), Teresa Madruga (Deolinda de Jesus), Eric da Silva (Jelle), Tomás Alves (José António), Fernando Pires (Frederico), José Raposo (Mário Martins), Diogo Branco (Jorge), Filipe Albuquerque (Renato), Miguel Raposo (Pedro Ayres Magalhães), Afonso Lagarto (Carlos Barbosa), João Nunes de Azevedo (António, com 12 anos), João Melo (Jaime Ribeiro), David Morales (Irmão), Lara Araújo (Irmã), Eloy Monteiro (Chefe de Oficina), Soraia Castro (Menina na Aldeia) / Cópia: DCP, a cores, falado em português, em neerlandês e em inglês, com legendas em português / Duração: 108 minutos / Estreia Nacional: 19 de agosto de 2019, Amares / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Com a presença de João Maia e André Szankowski.

\*\*\*

*Dar e Receber...*  
*Devia ser a nossa forma de viver*  
*Dar e Receber...*

António Variações, *Dar e Receber*

*Daí este meu cansaço*  
*De sentir que quanto faço*  
*Não é feito só por mim*  
*Daí este meu cansaço*  
*De sentir que quanto faço*  
*Não é feito só por mim.*

Amália Rodrigues, *Cansaço (Fado Tango)*

Não deve haver muitos projetos de pura devoção amorosa como este: que só se cumprem quando atingem a maioridade, autorizados a conduzir, livres e certos de um destino qualquer, uma vida a ser vivida. Foi o que se passou com João Maia, desde que nasceu a ideia de realizar um filme sobre o dito “primeiro artista *pop* moderno em Portugal” (cito o antigo diretor da revista *Blitz*, Rui Monteiro, no documentário da RTP

intitulado *Variações* [1996], de Maria João Rocha). Escreveu um argumento baseado numa pesquisa aturada que nunca desfez – e, portanto, renovou e ampliou – o mistério desta figura complexa, que queria fazer música entre a aldeia de Fiscal e Nova Iorque, que era tímida no trato e exuberante no estilo, que era ou queria ser absolutamente livre, mas também era rigorosamente exigente no trabalho que levava a cabo (como músico e barbeiro). Diz Maia que, na conclusão dessa redação, ter-se-á cruzado com um poderoso *biopic*, **Control** (2007) de Anton Corbijn, acerca de um músico que também desapareceu demasiado cedo, Ian Curtis, o vocalista da banda Joy Division, e que se reviu na capacidade revelada por Corbijn de contar a história do seu protagonista. Era Jacques Rivette quem dizia que a melhor crítica a um filme é outro filme e, de facto, neste contacto entre filmes, um “a ser” e o outro consumado, pronto a ser apreciado, encontramos algumas pistas sobre o que corre bem desde a nascença deste projeto, em que o realizador e o ator principal (já lá vou) *deram* muito e foram *recebendo* pouco até ao dia em que o sonho se materializou.

“Querida fazer um filme que fosse simples, mas que não andasse ali a dizer que ele fez isto ou fez aquilo, quis fazer algo que abrisse a porta mas não fosse demasiado *voyeurista* e não tivesse demasiados *fait-divers*: estas historinhas do nome *Variações*, a cassette do Júlio Isidro... São coisas importantes e engraçadas, mas pequenas anedotas, coisas curiosas de que toda a gente fala”, disse o realizador ao jornal *Público* («João Maia e Sérgio Praia: como sobreviveram a António *Variações*», artigo de Rodrigo Nogueira, publicado no jornal *Público*, em 23 de agosto de 2019), dando a entender que há, de facto, qualquer coisa extraordinariamente “controlada”, para usar o título do filme de Corbijn, na composição deste filme e, enfim, na composição desta personagem. Talvez o maior mérito da (não-)imitação de Sérgio Praia seja esse: como o próprio disse, também em entrevista a esse jornal, “[n]unca quis ser o António *Variações*, nem o filme quis, e acho que não queria ficar preso a isso nesta criação. Já que há tão pouca coisa sobre ele, e houve uma certa liberdade da parte do João na construção deste António, não queria ficar limitado. É evidente que há gestos inevitáveis, mas não quis ficar preso à reprodução” (*idem*).

Da mesma maneira que o próprio *Variações* diz, no filme, que há mais ele na música do que António no António, diria que há mais *Variações* com Sérgio Praia do que em Sérgio Praia, apesar das muitas semelhanças entre ambos que possamos encontrar: “O Sérgio cantava as canções como se fossem dele. E ele é perfeito para o projeto. Também vem de uma aldeiazinha pequena, passou por uma série de coisas, tem uma aparência física, a voz parecida, o olhar muito parecido...”, contou Maia («É p’ra amanhã, mesmo», artigo de Jorge Mourinha publicado no *Público* em 27 de janeiro de 2012). Talvez possamos também dizer que há tanto Iggy Pop como Amália ou a aldeia de Fiscal como a cidade de Amesterdão na obra e *persona* de *Variações*, quer dizer, tudo se desmultiplica em diálogos, em partilhas ou gestos de “dar e receber”, trabalhados com uma seriedade e devoção que são muito dignos de ser apreciados, sendo o filme ocupado por várias cenas passadas em privado, em que vemos Praia/*Variações* a ensaiar mais uma música nos seus aposentos.

Ao mesmo tempo e de maneira perversa (*muito* perversa, se pensarmos nos cerca de 18 anos de espera para a realização deste filme), o próprio ator e realizador sublinharam, em mais de uma entrevista, que o tempo lhes fez bem, permitindo amadurecer esse diálogo e depurar o estilo e o modo (*e o que*) contar sobre a vida de *Variações*. O que se constitui na personagem-filme é um grau de entendimento profundo entre o ator e a

sua personagem. Em 2009, Praia começou a preparação do seu papel. Foi escolhido, conta Maia (no já citado artigo intitulado «João Maia e Sérgio Praia: como sobreviveram a António Variações»), por ter sido o único ator, durante o *casting*, a ser natural. Em 2016, interpretou *Variações em palco*, num monólogo de Vicente Alves do Ó, para “testar reflexos” num lugar que Praia conhece bem, o teatro. Quando o filme ganhou o concurso do ICA e iniciou a sua produção, pela mão da David & Golias, tanto o ator como o realizador estavam mais preparados do que nunca. Em 2019, Sérgio tinha 41 anos, mais próximo da idade com que *Variações* desapareceu deste mundo, vítima do vírus da sida (uma das primeiras personalidades públicas a sucumbir a esta doença). A meu ver, esta proximidade com a morte da personagem contamina a experiência do filme.

O que resulta disto tudo é não uma imitação, mas uma forma de habitar (e interagir com) uma parte da vida de alguém (a parte que se dirige inelutavelmente à morte), recriando a sensação de que “uma estrela *pop* nasceu” na Lisboa ainda tradicionalista e de mentalidades enquistadas. É essa ascensão até aos céus (deslumbrante ca[n]dência da estrela) a principal vertigem do filme que não se desvia muito ou demasiado desse percurso essencial. A certeza de *Variações* no seu próprio talento e o reconhecimento mais ou menos imediato que as pessoas à sua volta fazem dele, apesar ou por causa da “aparência marcante”, permitem ao filme libertar-se de alguns tiques presentes em *biopics* musicais recentes, obcecados com esta ideia de o artista em permanente conflito com as forças do seu tempo. Por um lado, as dificuldades existem, mas a certeza (até “a arrogância”) de *Variações* é maior ou mais poderosa do que “as circunstâncias” desse país cinzento e desconfiado. Por outro lado, *Variações também* é um homem do seu tempo – descartar isto seria não compreender profundamente “a pessoa” por detrás da personagem, o António por detrás do *Variações*, digamos assim. Viveu uma infância feliz mas muito humilde, em Fiscal, município de Amares, combateu na Guerra do Ultramar, emigrou (para o Reino Unido e para os Países Baixos) e venceu, arduamente, na profissão de barbeiro, viveu amores e desamores, nunca se escondeu e, segundo consta, foi muito popular junto do povo, não só o da sua aldeia como, quando os holofotes da fama se lhe apontaram, do público português em geral.

A franqueza deste modo de vida está vertida, de maneira intensa, não na fórmula linear e, tantas vezes, imprecisa do “homem contra o seu tempo” (no caso, é mais o homem contra o seu corpo ou uma doença que teima em não o largar), mas numa história de amor, que ganha e se dimensiona de maneira muito comovente no argumento de Maia: a relação com Fernando Ataíde, cabeleireiro e fundador da discoteca Trumps, encarnado por Filipe Duarte, no que foi o seu último papel antes da morte precoce em 2020. À inteireza desse diálogo entre Praia e *Variações* corresponde a presença, qual “anjo da guarda...”, de Duarte na pele de Ataíde. E talvez o plano mais bonito do filme – ia escrever “espetacular” – e o mais melodioso – ia escrever “com mais soul” – acontece por volta da uma hora e trinta e sete de filme: ao som de *Cansaço (Fado Tango)* de Amália Rodrigues e na semipenumbra, Ataíde dá a beber um copo de água a um António já muito enfermo, enquanto lhe afaga carinhosamente o cabelo. Choram, beijam-se e abraçam-se com a paixão de uma despedida – Ataíde nas costas de *Variações*, ambos com as mãos cruzadas sobre o peito do músico. Depois, e de facto, não mais veremos *Variações*, tal como, na nossa história de espectadores de cinema, não mais teremos o prazer de ver Filipe Duarte no grande ecrã. Uma despedida, simultaneamente *on* e *off screen*, de uma pungência que não podia estar prevista em qualquer guião, sem ser naquele que inclui todas as mortes abruptas e

desmesuradamente injustas de talentos ainda a florir, no pleno da sua arte. Não se pode ficar indiferente a este sentimento de que a vida é um fósforo e de que viver intensa e incansavelmente é só uma maneira de enganar o nosso triste fado.

Luís Mendonça